

ABRIL AZUL

Juiz de Santa Catarina mostra potencial de pessoas autistas

Alexandre Morais da Rosa usa o espaço no tribunal para dar destaque à causa das pessoas com Transtorno do Espectro Autista

» LARA COSTA*

Alexandre Morais da Rosa é juiz e autista. O diagnóstico veio apenas aos 47 anos, depois de muitas dúvidas e 23 anos de atuação como desembargador substituto no Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJSC).

Natural de Florianópolis, Alexandre tem 50 anos. Depois que se descobriu uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ele conta que a principal mudança que viveu foi compreender melhor as características e as dificuldades que se tornaram mais notáveis em sua adolescência, mas o acompanham desde então. “Sempre fui isolado, fui um adolescente estranho. Na época, eu gostava muito de estudar e tinha que me esforçar para tirar notas na média, para que os colegas não me zoassem. Sou de 1973 e ser ‘CDF’, naquele tempo, era sinônimo de sofrer perseguições.”

Na profissão, o diagnóstico também mudou as coisas de lugar. Durante as sessões no tribunal, o juiz utiliza o cordão do autismo. O cordão do girassol, como também é conhecido, é uma espécie de colar que pessoas autistas utilizam para que os que convivem com elas, seja no trabalho, na escola ou em quaisquer espaços de socialização, possam identificar características

e aspectos de atenção diferenciada de que necessitam. Seu uso foi uma medida sancionada pela Lei nº 14.624/2023, em agosto de 2023.

Visibilidade

Mesmo que o cordão seja importante para que os colegas de trabalho saibam das necessidades de Alexandre, ele também o usa como uma maneira de dar destaque à causa da inclusão de pessoas com autismo. Para o juiz, esse gesto é uma forma de se posicionar no seu ambiente de trabalho, que é predominantemente ocupado por pessoas neurotípicas, ou seja, que não apresentam transtornos neurológicos. A popularização do cordão é uma das medidas incentivadas pelo mês de conscientização sobre o autismo, comemorado em abril.

“Eu estou na posição de 2º grau no tribunal, então decidi usá-lo como uma forma de dar visibilidade, porque há uma preocupação sobre como vivemos e que espaços devemos ocupar, e esse símbolo faz com que os outros possam ter mais empatia com pessoas autistas”, defende.

Ele relembra que, no passado, o preconceito contra autistas era mais forte e eles eram vistas, até mesmo, como doentes mentais. “Naquela época, não se fazia tantos diagnósticos, então, são

Arquivo Pessoal



Alexandre da Rosa usa cordão do autismo no tribunal: ocupar os espaços

várias gerações de autistas que não sabiam o que eram, e, se formos olhar para elas, o número de pessoas no espectro sempre foi maior que o notificado”, diz.

Por isso, ele ressalta a importância da desmistificação do autismo por parte de figuras públicas, como Leticia Sabatella, que revelou recentemente ter recebido seu diagnóstico tardiamente. “Quando falamos sobre isso, estão trazendo um assunto que foi um tabu forte para discussão e influenciando outras pessoas se descobrirem autistas e se conhecerem.”

Desafios

Apesar de a sociedade ter avançado na discussão sobre inclusão de pessoas no espectro, Alexandre ainda vê dificuldades para que elas se insiram no mercado de trabalho. Ele cita, por exemplo, o bullying, em forma de piadas jocosas, e a descredibilização de sua capacidade para desempenhar as atividades demandadas, o que o advogado chama de “violência autística”, em referência ao termo violência epistêmica, cunhado pela filósofa inglesa Miranda Fricker.